

**Memórias Negras Não-Petrificadas em Laranjeiras (Sergipe):
topografia viva de grupos culturais, de terreiros e
da poesia de João Sapateiro**

Janaina Cardoso de Mello

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe

 <https://orcid.org/0000-0002-5060-0691>

E-mail: janainamello@uol.com.br

Resumo: Laranjeiras, em Sergipe, uma cidade que emana de uma afrocultura, possui uma relação de simbologia e salvaguarda com seus patrimônios culturais e memórias que conformam uma topografia negra de terreiros de memórias, ocupado por nações africanas, folguedos e poesias *griots*. Assim, os objetivos desse artigo buscam identificar, sistematizar e analisar hábitos, costumes e tradições que contestam as petrificações das heranças das comunidades negras. Através de percursos negros decoloniais elaborados por uma Antropologia Histórica, se encontram as nuances, matizes e multiformas que subvertem as simetrias do passado. Longe de um sincretismo deformador, exercem um movimento “antropofágico” através do qual de-ruminam, assimilam e deglutem e transfiguram a cultura europeia para que esta assuma o caráter local da identidade afrolaranjeirense.

Palavras-chave: Laranjeiras (SE); Afrocultura; Patrimônio Cultural; Memória; Empoderamento.

Non-Petrified Black Memories in Laranjeiras (SE): living topography of cultural groups, of terreiros and the poetry of João Sapateiro

196

Abstract: Laranjeiras, in Sergipe, a city that emanates from an Afroculture, has a relationship of symbology and safeguard with its cultural heritage and memories that form a black topography of terreiros of memories, occupied by African nations, folguedos and *griot poetry*. Thus, the objectives of this article seek to identify, systematize and analyze habits, customs and traditions that challenge the petrification’s inheritances of black communities. Through decolonial black paths elaborated by a Historical Anthropology, there are nuances, hues and multiform that subvert the symmetries of the past. Far from a deformer syncretism, exercise an "anthropophagic" movement through which de-ruminate, assimilate and deglutinate and transfigure the European culture so that it can take on the local character of afrolaranjeirense identity.

Keywords: Laranjeiras (SE); Afroculture; Cultural Heritage; Memory; Empowerment.

Texto recebido em: 28/03/2021

Texto aprovado em: 15/06/2021

Introdução

Laranjeiras, município sergipano, há 20 km da capital Aracaju por muito tempo foi chamada de “Atenas sergipana” por muitos dos intelectuais da terra

(DANTAS, 2007, p. 14) ou de “museu à céu aberto” por Jarbas Passarinho, quando ocupava o cargo de Ministro da Educação, em sua visita à cidade em 1971 (SENADO FEDERAL, 1980-1986, p. 1).

Nomenclaturas que hoje são percebidas não como elogios, mas como ações de sobreposição de uma memória branca pautada nas edificações portuguesas de pedra e cal das igrejas jesuítas (Fazenda Retiro e Comandaroba), incluindo casarões, capelas, a Igreja Matriz e a antiga Alfândega, conhecida por Quarteirão dos Trapiches, oriundos do século XIX, que na atualidade abriga a Universidade Federal de Sergipe (UFS), *Campus Laranjeiras*, após a restauração realizada entre 2007 e 2009 pelo programa Monumenta¹ do Ministério da Cultura em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (MinC/IPHAN).

O que se torna extremamente complexo uma vez que o primeiro Museu Afro-Brasileiro do país se encontra em Laranjeiras, tendo sua inauguração em 1976. Há ainda as ruas com pedras pé-de-moleque (calcário polido) assentadas por escravizados no período de urbanização do século XIX. Destaca-se ainda a Igreja de Nossa Senhora dos Pretos e dos Pardos, como testemunho de uma irmandade que para além dos louvores e rituais litúrgicos, também se ocupava das alforrias dos escravizados.

A cidade congrega em seu patrimônio cultural imaterial o Encontro Cultural de Sergipe, desde a década de 1970, com a presença de diversas manifestações culturais populares de identidade negra, muitas delas resguardadas pelos moradores do quilombo da Mussuca (Samba de Coco e São Gonçalo do Amarante) e dos terreiros nagôs como o de Santa Bárbara Virgem (Taieiras), dos Filhos de Obá, dentre outros (DANTAS, 1989).

Ressalta-se também a tradição do grande teatro à céu aberto, realizado no mês de outubro, denominado “Lambe-Sujo e Caboclinhos”, quando moradores e visitantes cobrem seu corpo de tinta preta (melaço de cabaú e pó de carvão) para dramatizar a vitória dos negros quilombolas sobre a tentativa de invasão dos Terços compostos por indígenas e colonos (SANTOS, 2013).

Sob esse aspecto a topografia de Laranjeiras não remete à Grécia clássica, com seus templos dedicados às divindades do Olimpo, mas ao imaginário presente nas memórias *griots* de um grande quilombo urbano e seus Orixás, uma vez que serve de palco para cenografias plurais de resistência afro-brasileira que desfilam por ruas, edificações e pontes nos vieses do rio Cotinguiba. Afinal, não se trata de

uma “história única”, mas sim de “como, porque e por quem as histórias são contadas” (ADICHIE, 2019).

A historiadora negra, sergipana, Maria Beatriz Nascimento (1985) chamou a atenção para a questão da “continuidade quilombola” em seus textos, uma vez que o quilombo do século XVIII ao final do século XIX adquire consciência de resistência contra a opressão, alimentando sonhos de liberdade que permanecem no século XX, não mais contra o regime escravocrata encerrado com a abolição, mas contra as formas de cerceamento, miséria e preconceito enraizadas na sociedade. De acordo com Nascimento (1985, p. 46) essa premissa pode ser observada:

na trilha da Semana de 22, a edição da coleção Brasileira da Editora Nacional publica três títulos sobre o quilombo, de autores como Nina Rodrigues, Ernesto Enne, e Edison Carneiro. Não deixando de citar Artur Ramos e Guerreiro Ramos, além da versão romanceada, um pouco anterior, de Felício dos Santos.

À essa rememoração do quilombo como “um desejo de utopia” no processo de redefinição da nacionalidade que perpassa as letras de samba, muitas vezes utilizadas como recursos pedagógicos em instituições escolares, assegura Beatriz Nascimento (1985, p. 47) que em 1970, “o quilombo volta-se como código que reage ao colonialismo cultural, reafirma a herança africana e busca um modelo brasileiro capaz de reformar a identidade étnica”.

Não há, portanto, como pensar Laranjeiras, sem pensar a historicidade negra das fazendas produtoras de açúcar na região do rio Cotinguiba que, nos séculos XVIII e XIX, usaram a mão-de-obra escravizada em sua economia (AMARAL, 2012), bem como, a existência/resistência do Quilombo da Mussuca e da grande quantidade de população de etnia negra que habita a cidade até os dias atuais, mantendo culturas e demandas socioculturais, econômicas e políticas.

Por isso, esse artigo tem como base metodológica uma etnografia dos percursos e experiências negras em Laranjeiras, através de seus expoentes: a afrocultura que traz um olhar sobre os usos dos povos negros sobre as edificações, terrenos e celebrações, bem como o poeta João Sapateiro, inspirador de uma nova geração de escritores e artistas locais. Todos interconectados na produção das identidades negras da cidade. Desse modo, a pesquisa tem caráter exploratório, descritivo e explicativo (LAKATOS; MARCONI, 1991; RICHARDSON, 1999; GIL, 2006) a partir de uma vivência de oito anos da cidade, em uma convivência cotidiana com os sujeitos da pesquisa, permitindo identificar, sistematizar e

analisar hábitos, costumes e tradições que constituem os patrimônios culturais que evocam memórias, pertencimentos e práticas no que se convencionou tomar por Antropologia Histórica (BURGUIÈRE, 1991, p. 43-46).

Assim, o texto apresentado se divide em duas partes, sendo a primeira “Na topografia de Laranjeiras: jogos cênicos de uma poesia de resistência negra” na qual realiza um retorno à novas linguagens incorporadas às humanidades, sob o prisma da Antropologia Histórica, onde o termo “topografia” é apresentado, ressignificado e aplicado à etnografia de uma cidade negra e quilombola como Laranjeiras. Já a segunda parte, “João Sapateiro: da não-petrificação à poética negra identitária em Laranjeiras” contesta a noção de apatia e manipulação das memórias e identidades negras dos laranjeirenses, expondo sua vitalidade na fluidez de memórias *griots*, que conformam escrituras coletivas.

Na topografia de Laranjeiras: jogos cênicos de uma poesia de resistência negra

A necessidade de conhecer e compreender melhor o meio em que vive e determina a relação entre o ser humano e a natureza, a ocupação dos espaços via povoamento, habitação, atividades econômicas, políticas e culturais, tem trazido terminologias de áreas como a Engenharia, Arquitetura e Agronomia, para uso interpretativo nos estudos de Antropologia Histórica. Isto posto que as trilhas de permanência ou êxodo demográfico estão carregadas de motivações rituais e simbólicas, sem as quais o espaço se torna relevo estéril.

A “topografia” está mais próxima da Geografia Física e da Matemática, cuja etimologia da palavra de origem grega deriva de *topos* (lugar) e *graphen* (descrição) e significa “descrição de um lugar”, através de “sistemas de coordenadas cartesianas e sistemas de coordenadas esféricas” (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2011, p. 5-6).

Todavia, nos estudos de memória e patrimônio cultural, diversos autores têm se referido à “topografia” ou “cartografia” de modo arbitrário, sem relacioná-las às suas áreas de origem, tornando tais conceitos somente substantivos úteis, porém, em geral para expressar erudição sem conteúdo da área de criação da palavra.

Ao adentrar as Ciências Humanas e Sociais essa terminologia requer dos pesquisadores o reconhecimento do movimento de transformação dos processos conceituais egressos de distintas “tradições que fundam a matriz disciplinar da

antropologia urbana ou da antropologia das sociedades complexas, como expresso por Gilberto Velho (1981)” (ROCHA; ECKERT, 2016).

Operação essa válida para a História e todos os demais campos das Humanidades que trabalham de forma multi e transdisciplinar com os estudos do patrimônio cultural material e imaterial, pois as demandas da contemporaneidade cada vez mais nos impelem a enveredar por vários caminhos na busca por soluções ou compreensões variadas de uma demanda social.

Não basta apenas trazer novos conceitos para textos interpretativos, mas especificar sua origem e demonstrar sua reelaboração semântica, uma vez que o significado da “topografia” está associado ao sentido e, portanto, ao conteúdo e ao contexto, bem como o significante está associado à forma e esta operação cognitiva lida com especificidades das subjetividades humanas e não apenas da mensuração gráfica de uma superfície.

Nesse sentido, para que o processo de uso do termo “topografia” fosse definido como válido para o estudo histórico antropológico de Laranjeiras aqui proposto, seu manuseio perpassou as seguintes fases: 1. Análise da planta topográfica do centro histórico da cidade correlacionando relevo, ocupação e usos sociais das comunidades negras; 2. Trabalho de campo, onde foi possível aprofundar o estudo dos comportamentos sociais, efetuando registros escritos e imagéticos do cotidiano de Laranjeiras e sua população. Assim, foi possível incorporar a essência da palavra às disposições de sua aplicação sociocultural e trazer reflexões mais consistentes sobre a realidade estudada.

Análise da planta topográfica

Para entender Laranjeiras, é preciso entender sua conformação espacial, e em sua topografia o desenho da historicidade étnica-cultural de sua ocupação, os usos sociais de suas ruas e edificações, as nomenclaturas e simbologias que a permeiam advindas das comunidades negras que a habitam.

Situada na região da Grande Aracaju, a cidade de Laranjeiras possui uma área territorial com 162,273 km², com uma população estimada de 30.080 pessoas e uma densidade demográfica de 165,78 hab/km² (IBGE, 2021).

No centro histórico é possível identificar uma área com relevo acidentado e elevações que variam na altura de 65m na colina onde está localizada a Igreja Senhor do Bonfim, 28m na área da Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, 9m onde se situa a Igreja Nossa Senhora da Conceição e 10m onde está a Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, formando um quadrilátero (um polígono de quatro lados) (imagem 1).



Fonte: Mapa topográfico. Disponível em: <https://pt-br.topographic-map.com/maps/gim2/Laranjeiras/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

FIGURA 1

**Topografia de Laranjeiras, Microrregião da Grande Aracaju, Microrregião Leste Sergipano, Região Nordeste, Brasil (-10.80402 -37.16583).
Quadrilátero de Igrejas**

A ocupação da cidade ocorreu em função do cultivo da cana-de-açúcar, da desterritorialização de africanos para as fazendas do vale do rio Cotinguiba, do porto que servia para trazer e exportar gêneros alimentícios, armazenados nos Trapiches, nos séculos XVIII e XIX, para Pernambuco e Bahia (BONJARDIM; VARGAS, 2010, p. 204).

De povoação, elevada à condição de vila em 1832 (com mais de sessenta engenhos), tornou-se cidade em 1848 (SILVA; NOGUEIRA, 2009, p. 42). Constituem-se como bairros e povoados de Laranjeiras, de perfil rural: Areias, Bom Jesus, Centro, Cedro, Camaratuba, Comandaroba, Gameleiro, Machado, Mussuca, Madre de Deus, Pedra Branca, Pastora, Pinheiro, Tramandaí, Quintalé, Salinas e

Várzea. Sendo a conformação do centro histórico majoritariamente composta por residências (70%), mas ainda incluindo instituições civis (15%), comércio local (10%), edifícios religiosos (3%) e mistos (2%) (imagem 2). (LEÃO, 2011, p. 58).

Poetizou o negro João Sapateiro (1988) sobre Laranjeiras “De qualquer colina tua, / Lindo quadro se divisa. / - Dos meus versos és o tema. / Velha “Cidade Poema”/ Que a beleza simboliza. // Terra de Ti Herculano/ E de Zé Sapucari:/Tens tanta beleza, tanta/ Que o visitante se encanta” (GUIMARÃES; FRANCO, 2009, p. 103).



Fonte: LEÃO, 2011, p. 51.

FIGURA 2

Vista aérea central de Laranjeiras com o rio Cotinguiba

A Igreja Senhor do Bonfim (imagem 3), cujas origens remontam ao ano de 1836 por ocasião da doação de seu patrimônio, em 1843 integrava a relação de capelas da freguesia, tornando-se também conhecida como “Capela Azulada” por quase tocar o firmamento. Com vinte e seis metros de comprimento, oito de largura e originalmente com três altares: o do Senhor do Bonfim, o do Senhor da Cruz e o de Nossa Senhora das Dores (SILVA; NOGUEIRA, 2009). A edificação religiosa congrega rituais da identidade negra como o Cortejo e Lavagem das Escadarias do Bonfim, conduzido por Babalorixás e Ialorixas.



Fonte: TripAdvisor, disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g2349497-d3726017-i217002475-Igreja_do_Senhor_do_Bonfim-Laranjeiras_State_of_Sergipe.html. Acesso em: 20 mar. 2021.

FIGURA 3

Vista aérea da Igreja Senhor do Bonfim, Laranjeiras (SE)

A Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (imagem 4) foi erguida por irmandades de negros e mestiços na primeira metade do século XIX. Localizada no Morro do Bonfim, em Laranjeiras, no perímetro tombado pelo Iphan, no ano de 1996, a igreja é um elemento arquitetônico configurador da paisagem do centro histórico da cidade, destacando-se pela relação com as manifestações culturais locais. Sua estrutura arquitetônica revela a questão da estratificação na sociedade sergipana, sem torre e com fachada simples, era ali que se concentravam as devoções e comemorações das tradicionais festas de reis. Ainda hoje esse é o palco das maiores festas do folclore laranjeirense e local onde a Rainha das Taieiras, mulheres negras oriundas do terreiro de Santa Bárbara Virgem, é coroada todos os anos (IPHAN, 2017).

A Igreja Nossa Senhora da Conceição dos Homens Pardos (imagem 5), cuja construção data de 1858, foi erguida por homens pardos e livres, com esmolas dos devotos, quando o Padre Pedro Antônio de Almeida recebeu da comunidade laranjeirense a incumbência de construir um templo onde já existia a capela-mor, como forma de reconhecimento da cidade à confirmação do dogma da Imaculada Conceição. A doação efetuada por Dom Pedro II, em sua visita à Laranjeiras em 1860, auxiliou na conclusão da obra. A igreja foi inaugurada somente em 1866, mas sem a construção de sua torre (IPHAN, 2008).



Fonte: Fotos da Autora, 2019.

FIGURA 4

Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito no Encontro Cultural de Laranjeiras com a Chegança e a Coroação das Taieiras

No interior da igreja, nas pinturas murais das imagens religiosas, arquitetos identificam além dos símbolos e signos católicos, cores que remontam às crenças aos orixás, dessa forma, em sua análise consideram que

No sincretismo religioso, N. Sra. da Conceição é Oxum, orixá das águas doces da religião Axé (Candomblé; Umbanda), as duas possuem as mesmas cores simbólicas: azul e dourado; o primeiro representa a água doce e o segundo as riquezas naturais e a beleza que o Orixá rege; essas cores, de forma sincrética, podem ser observadas no forro da igreja, pois há predominância de tons azuis (para os católicos – brancos portugueses -o céu) e para os negros (as águas doces), para os pardos, talvez ambos; quanto ao dourado, também presente em tons amarelados, ocres e marrons, para os negros simbolizava a natureza e para os brancos portugueses o Espírito Santo e/ou o ouro buscado no novo mundo; para os pardos, talvez, pudesse representar todos esses significados. Também se pode observar nas faixas dos requadros e barramentos das pinturas murais listas douradas e azuis (SILVA; NOGUEIRA, 2020, p. 11330).

Na área externa, as comunidades dos terreiros de Laranjeiras ocupam o espaço para o ritual de lavagem das escadarias, com seus trajes e panos de cabeça (torços) brancos, símbolos de pureza, usando jarras de cerâmica e entoando cânticos.

Imagem 5:.

Memórias Negras Não-Petrificadas em Laranjeiras (Sergipe)



Fonte: Acervo Irineu Fontes, 2012.

FIGURA 5

Igreja Nossa Senhora da Conceição dos Homens Pardos em Laranjeiras, lavação das escadas por religiosos dos terreiros

A Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus (imagem 6) teve o ano de 1791 como data de início de sua construção, atribuída à ordem jesuíta, torna-se “matriz” em 1836 (SILVA; NOGUEIRA, 2009, p. 52). Durante o Encontro Cultural de Laranjeiras a Chegança Almirante Tamandaré, existente desde 1970, liderada primeiro pelo Mestre Oscar Ribeiro dos Santos e depois da morte deste, assumida pelo Mestre José Ronaldo de Menezes (o Mestre Zé Rolinha), se apresenta com uma longa dramatização com cantos, danças e performance em frente à igreja. O conflito entre mouros e cristãos é encenado e “seus figurantes se apresentem trajados à imitação da Marinha, cujos títulos hierárquicos são usados pelos seus personagens” (SANTOS, 2014, p. 13) com princesas que são sequestradas e resgatas durante o embate.

A cartografia de Laranjeiras é da ocupação de seus espaços pela população negra (imagem 7) que não apenas desenvolve seus ritos e festejos culturais, mas também ocupa as edificações e constitui uma rota específica composta pelo Museu Afro-Brasileiro de Sergipe, pelos Terreiros Santa Bárbara Virgem (origem das Taieiras) e Filhos de Obá que constituíram um museu comunitário, uma trilha ecológica da ancestralidade negra e um restaurante onde recebem convidados e turistas com peixes assados em folha de bananeira, moquecas e demais iguarias da gastronomia afro-brasileira.



Fonte: Foto da Autora, 2017.

FIGURA 6

Chegança em frente à Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus



Fonte: Google Maps, 22 mar. 2021.

FIGURA 7

Cartografia da Identidade Negra em Laranjeiras

Laranjeiras abriga vários terreiros (São Jerônimo 1 e 2, São Sebastião, Tupinambá, Santa Bárbara Virgem, São José, Filhos de Obá, Ulifan, Ogum de Ronda etc.), tendo estes sido mapeados por Beatriz Góis Dantas (1989) e

expressando autoidentidade das Nações Cabocla, Nagô, Obá, Angola, Toré, Jeje ou mista.

Na segunda metade do século XIX, Herculano Barbosa (conhecido como *Ti* Herculano), africano escravizado que obtém sua liberdade, organizou os cultos coletivos de matriz africana em Laranjeiras, seguindo a Casa de *Ti* Henrique. Casa Nagô mais antiga em Laranjeiras, construída em frente à Igreja da Comandaroba (edificação jesuíta), a Casa de *Ti* Herculano foi objeto de estudo da antropóloga Beatriz Góis Dantas, de concepção expográfica da museóloga Verônica Nunes e de reconhecimento via Superintendência do IPHAN-SE pela historiadora Terezinha Oliva. Sua restauração e exposição foram entregues à comunidade laranjeirense em abril de 2011 (IPHAN, 2011).

O terreiro Santa Bárbara Virgem (imagem 8), uma casa de candomblé de linhagem Nagô “herdeira da tradição” de *Ti* Herculano, falecido em 1907, sob um comando genuinamente feminino, da Yalorixá Umbelina Araújo (a dona Bilina, descendente de africanos, nascida em Laranjeiras pouco depois da abolição) (DANTAS, 2013, p. 35-37) até sua sucessora a atual Lôxa Bárbara Cristina dos Santos. Faz parte das tradições das dirigentes o celibato. Assim,

o universo religioso em que está mergulhado o terreiro Santa Bárbara Virgem utiliza o argumento de manter o sagrado e a pureza (para os integrantes da casa, pureza e sagrado estão associados) como forma de legitimar a religião como respeitadora e mantenedora do axé e da tradição (TORRES, 2016, p. 7).



Fonte: Fotos da Autora, 2019.

FIGURA 8

Casa-terreiro de Santa Bárbara Virgem e Casa-Terreiro Filhos de Obá

O terreiro Filhos de Obá (imagem 8) fundado em 1906 e registrado em 1909, em Laranjeiras, por cinco escravizadas, sendo *Ta* Joaquina a primeira Yalorixá,

tornou-se um centro de resistência e referência de costumes e tradições africanas via rituais, ensino, gastronomia, danças, musicalidade, artesanato (BARROS, 2010, p. 43).

O Museu Afro Comunitário Filhos de Obá, em sua expografia conta a história do Terreiro Filhos de Obá em aproximação com a comunidade, escolas de Laranjeiras e do Estado através da Lei 10.639/2003. Na “Trilha dos Orixás” em uma floresta remanescente da Mata Atlântica com mais de 6m², com plantas nativas e fauna local, a relação ser humano/divindade/natureza é celebrada. E no “Banquete de Chão”, um restaurante autogestionado com comidas típicas da culinária afro-brasileira, os sabores e cores da ancestralidade novamente são protagonistas em uma economia criativa afro-centrada.

No que diz respeito aos descendentes de quilombolas em Laranjeiras, a Mussuca (imagem 9), com 548 famílias e uma população de 2.400 pessoas, obteve sua certificação de autorreconhecimento como “comunidade remanescente de quilombo”, em 2006, conferida pela Fundação Cultural Palmares. Desse modo, foi incluída no programa Brasil Quilombola, que previa vários de projetos como regularização fundiária, infraestrutura e serviços, desenvolvimento econômico e social e controle e participação social (OBSERVATÓRIO QUILOMBOLA, 2006).

A caracterização geo-histórica da Mussuca informa:

Tendo como coordenadas geográficas 10°48' 27.32" S e 37°08'24.20" O, a Mussuca está implantada em uma elevação com 70m de altitude, à beira do rio Cotinguiba, na chamada Zona da Cotinguiba. Sua localização, bem próxima aos antigos engenhos Pilar, Ilha, Pindoba e Gravatá, não é tão contraditória para um quilombo como à primeira vista se pode supor, porquanto posicionada junto a área de intenso fluxo, o que favorecia o chamado ‘campo negro’ de articulações dos escravos fugidos. Na verdade, essa implantação estratégica em uma elevação recoberta pela densa vegetação de Mata Atlântica, fortemente defensiva, funcionou como um esconderijo, favorecendo simultaneamente tanto uma proximidade conveniente, quanto o distanciamento necessário dos segmentos opressores (SANTANA, 2008, p. 91).

Desde 1980, os moradores se articulam em busca da titulação das terras. No movimento de resistência, exige-se o enfrentamento de projetos de destituição da identidade quilombola, a exemplo da proposta de instalação de exploração de calcário para a indústria de cimentos, sob o discurso de “geração de empregos” e “sustentabilidade”, refutada e contraposta pela maioria dos quilombolas. A comunidade possui uma estrutura fundiária dividida em lotes de terras coletivas,

sem distinções de tamanho ou hierarquizações, em que se plantam leguminosas, verduras, tubérculos, frutas e plantas medicinais. As pescadoras, pescadores e marisqueiras compõem a maior parcela dos moradores que dependem da “maré” do rio Cotinguiba do qual retiram parte de sua subsistência. Têm se organizado em Associações para reuniões e discussões sobre problemas cotidianos, formas de articulação com outros movimentos e com instâncias governamentais, além de manifestações em geral (SANTOS, 2019).



Fonte: Google Earth, 2021; Foto: SANTANA, 2008, p. 98.

FIGURA 9

Delimitação via satélite da comunidade quilombola Mussuca e vista do povoado

Na Mussuca restaurantes em casas de famílias servem mariscos, arraias, peixada e ainda galinha de cabidela, caldos, *adicuri* (*ouricuri*), dentre outras iguarias. Os sabores do quilombo perpassam as comidas de Dona Bebê, do restaurante Cabecinha, e do povoado Cedro, os pratos servidos no restaurante Chiozinho. Mulheres carregam bacias na cabeça com roupas para lavar, caminhando por entre as matas até chegar ao rio. Danças como samba de coco e o folguedo de São Gonçalo do Amarante são ensaiados agregando novas gerações de meninas e meninos negros muito conscientes de sua identidade cultural.

Existe uma afrocultura em Laranjeiras distinta de muitas das conceituações de memória e patrimônio cultural seminais, importadas de teóricos de nações europeias e por isso sua dificuldade de aplicação de modo a não configurar um engessamento das estratégias de empoderamento construídas pelos povos negros sergipanos que habitam essa cartografia com suas existências. Laranjeiras é muito maior do que um “lugar de memória”, isto porque sua topografia transcende

espaços físicos e serpenteia por “territórios de memórias” que moram em espaços físicos, mas também em pessoas e ensinamentos, imiscuídos por negociação e autonomia, resistência e diplomacia, tradição e flexibilidade.

Por isso, talvez a melhor definição para essa topografia negra laranjeirense seja a de um grande, múltiplo, acolhedor e guerreiro “terreiro de memórias”, considerando-se a definição de terreiro no dicionário enquanto “espaço ao ar livre onde se realizam determinadas celebrações populares (festas, bailes, etc.)”, mas também “local onde se realizam sessões de candomblé, umbanda e outros rituais afro-brasileiros”. Em suas trocas com uma arquitetura de matriz portuguesa, colonizadora – erguida pelo trabalho de africanos escravizados – e com uma religiosidade cristã-católica “apropriada” pelas comunidades negras que, longe de um sincretismo deformador, exercem um movimento “antropofágico” através do qual de-ruminam, assimilam, deglutem e transfiguram a cultura europeia para que esta assuma o caráter local da identidade afrolaranjeirense. É assim que a poesia identitária assume sua forma, sua força.

João Sapateiro: da não-petrificação à poética negra identitária em Laranjeiras

Nos anos 2000, o censo demográfico informava que 67% da população de Sergipe se declarava preta e parda (IBGE, 2007, p. 20). O censo do IBGE de 2010, revelou em Laranjeiras um quantitativo superior a 80% de pessoas que se declararam pretas (NEST/SES, 2016, p. 4).

Um espaço com uma demografia tão demarcada pela etnia negra deve ter seu patrimônio cultural valorizado e salvaguardado, por isso o artigo nº 215 da Constituição Brasileira (1988) “dispõe que grupos indígenas e afro-brasileiros são fundamentais à formação do país, e, desse modo, o patrimônio material compreenda obras, objetos, documentos, edificações e quaisquer espaços voltados às manifestações de teor artístico-cultural” (SILVA; SILVA, 2020, p. 65).

Entretanto, não há uma única África ou uma única cultura afrodescendente, pois como afiança Lília Abadia (2010, p. 25) “o aspecto que torna a cultura ‘negra’ singular é uma história comum de escravidão, de racismo e de resistência cultural, marcada por uma intensa ‘hibridização’ (das gentes e das produções culturais)”.

Por isso, há que se ressaltar a multiplicidade de expressões, a diversidade de grupos e ancestralidades, a distinta forma de ocupação de espaços e produção de sentidos pelos sujeitos negros que sendo coletivo, são também individualidades.

Corroborando com a reflexão de Viviane Barboza Fernandes e Maria Cecilia Cortez Christiano de Souza (2016, p. 104) entende-se que “as relações étnico-raciais são formadas historicamente mediante a construção de imagens e representações sociais, cuja circulação no meio social produz sentidos e consequências”. Ora frutos de um discurso hegemônico branco-patriarcal-cristão-normativo com maior visibilidade em detrimentos de outras narrativas, ora advindas de disputas levantadas por movimentos sociais que chamam para si o direito de definir sua autorrepresentação sem serem excluídos, vitimizados ou cooptados.

Por isso, na ocasião do lançamento da Revista do Patrimônio Artístico Nacional com a temática do Negro Brasileiro, pelo IPHAN, organizada por Joel Rufino dos Santos, o poeta pernambucano Sebastião Uchôa Leite (1997, p. 112), chamou a atenção para a importância da presença negra na literatura e na poesia brasileiras do século XX, uma vez que a escrita negra é também uma afirmação identitária através da narrativa autoral. Em Laranjeiras essa poesia negra se tornou uma estratégia de empoderamento coletivo. Isto posto que

se a coletividade é o resultado da junção de muitos indivíduos que apresentam algum – ou alguns – elemento em comum, é intrínseco que estamos falando de um processo que se retroalimenta continuamente. Indivíduos empoderados formam uma coletividade empoderada e uma coletividade empoderada, conseqüentemente será formada por indivíduos com alto grau de recuperação de consciência do seu eu social, de suas implicações e agravantes (BERTH, 2019, p. 52).

Essa consciência social combate formas de marginalidade e “memórias fossilizadas no tempo e no espaço”, uma vez que não estão “sedimentadas no esquecimento e na solidão”, mas se mantêm pulsantes em um cotidiano de lembranças, de possibilidades, de grupos de afeto e colaboração social. Em Laranjeiras não são as pedras que suportam as memórias das gentes, mas sim as gentes que dão significado às pedras da cidade.

Assim é, na cidade de Laranjeiras, com João Silva Franco (1918-2008), um negro de quase dois metros de altura, nascido na cidade de Riachuelo (SE), que acolheu Laranjeiras como sua terra em 1938 e a cantou em versos e trovas, enquanto consertava sapatos nas cercanias do Mercado Público, próximo ao trapiche, onde mantinha seus escritos visíveis em inúmeras folhas de papel fixadas

nas paredes de sua oficina. O sapateiro poeta, autodidata, viveu quase 90 anos e tanto a sua poesia quanto ele próprio são reconhecidos como “patrimônio cultural” de Laranjeiras e de Sergipe. Sua trajetória perpassa seis meses de escolaridade formal, trabalhando em fazendas de cana-de-açúcar, como engraxate em Aracaju e ainda avaliador judicial na garantia do sustento da família (GUIMARÃES; FRANCO, 2008).

Na terra de João Ribeiro esse outro João, que publicou seis livros, foi o primeiro a ganhar uma estátua em frente à Prefeitura de Laranjeiras, inaugurada em 2012 com pompa e circunstância de desvelamento de placa comemorativa, discursos de autoridades da gestão pública, presença da família do poeta sapateiro e performance teatral de artistas negros (imagem 10).



Fonte: Acervo Irineu Cavalcante, 2012.

FIGURA 10

Estátua de João Sapateiro, interações e inauguração

Apesar da estátua, sua herança cultural “nunca foi petrificada”, mas sim permanece dinâmica, viva, expansiva expressa por uma série de movimentos de histórias, memórias e negociações que contemplam a topografia das identidades negras de Laranjeiras.

Quando a atriz e apresentadora da TV Globo, Regina Casé, esteve em Laranjeiras – Sergipe, para a gravação do *Programa Brasil Legal*, em 1997 (do minuto 7’09 ao 8’48), adentrou à oficina de João Sapateiro com quem conversou sobre suas leituras, poesias e seu olhar sobre a cidade.

Antes da morte do poeta, em 2008, o Cordelista Gilmar Santana lançou seu trabalho intitulado “*Poeta João Sapateiro – Orgulho do meu lugar*”, retratando sua vida e a história (SOUSA, 2008). No ano seguinte, em 2009, foi criado o prêmio “João Sapateiro de Poesia Popular”, pela Prefeitura Municipal de Laranjeiras, com várias edições, valorizando novos talentos da escrita em Sergipe (A8SE, 2015) e o Especial Aperipê de TV também produziu um documentário sobre o poeta, dirigido por Pascoal Maynard, no qual atores declamam seus poemas, exibido em 28 de fevereiro do mesmo ano (GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE, 2009).

O vídeo documentário “*Viver Sergipe*”, do G1-Globo.com, contou a história de João Sapateiro (6’36), exibido em 26 de dezembro de 2014, no qual as pessoas relembram seu imenso saber, sua simplicidade e generosidade como sapateiro, seu reconhecimento como referência literária da cidade e do estado, além de exibir sua estátua que atrai moradores e turistas para o registro de fotos, o legado transmitido ao seu filho Joelito que também escreve poesias, o estilo lírico e também crítico-social das poesias de João Sapateiro

Em 2018, foi homenageado na Biblioteca Municipal Clodomir Silva, vinculada à Fundação Cultural Cidade de Aracaju (Funcaju), em uma exposição comemorativa ao seu centenário, com direito a sarau no auditório da unidade e livreto de Cordel tendo sua imagem em xilogravura na capa. Durante o evento, “o Coletivo de Artistas Afrodescendentes fez declamações poéticas emocionando familiares, amigos, poetas e admiradores de João Sapateiro” (EXPRESSÃO SERGIPANA, 2018).

No mesmo ano, o plenário da Assembleia Legislativa de Sergipe, por proposição da Deputada Ana Lúcia Menezes (PT), realizou uma Sessão Especial celebrativa do centenário de nascimento do sergipano, entregando uma placa à Joselito Franco, filho do poeta, que também discursou compartilhando com o

público presente as memórias sobre seu pai. A TV Alese produziu ainda um documentário sobre João Sapateiro (ALESE, 2018).

Se a narrativa feita por pesquisadores que remontam a trajetória o poeta João Sapateiro, de Laranjeiras – Sergipe, não desconstrói “mitos de subalternidades” branco normativos, vendo-o como objeto individual, passivo, manipulado por agenciadores em torno de disputas de memórias na *orbes* dos micropoderes de gestores, intelectuais e familiares, certamente os limites da “colonialidade” recaem sobre o texto, desqualificando a potência de sua simbologia negra como sujeito.

Sob esse aspecto faz-se necessário reconhecer que as sociedades ainda vivem sob efeitos danosos onde “os conflitos de poder e os regimes de poder-saber continuaram e continuam nas chamadas nações pós-coloniais” (BERNARDINO-COSTA; GROSGUÉL, 2016, p. 15).

Isso se faz ver nos trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações, teses, capítulos de livros, livros e artigos) cuja narrativa ainda se conduz pelo “olhar da Casa-Grande sobre a Senzala”, quer exaltando feitos de Senhores escravagistas e Sinhás dominadores ou “apadrinhadores”, quer apresentando discursos ditos “decoloniais” sem a presença de autores africanos, afro-brasileiros, asiáticos ou latino-americanos, mantendo assim a supremacia das análises sociais no campo do eurocentrismo.

João Sapateiro não nos fala de um só lugar, pois ele é múltiplo e polissêmico; não nos fala da cozinha no Museu Afro-brasileiro de Sergipe, pois ele está sentado à frente da Prefeitura, em lugar aberto, político, percorrendo as letras e signos de suas poesias, se movimentando em imagens digitalizadas para o país inteiro e acessadas *online*.

João Sapateiro não nos fala de uma “crença produzida” em sua poesia, não nos fala de uma “tradição forjada” ou de “apropriações posteriores de sua memória”. João Sapateiro deixou seu lugar de fala bem demarcado em seus escritos, em suas imagens filmadas quando ainda estava vivo, em seus filhos que seguem seus caminhos e mantêm seu legado não como “subordinação as instituições”, uma vez que são estas que dele necessitam.

Independente das tramas da “economia simbólica” (BOURDIEU, 2007), tão comuns ao mundo da intelectualidade branca, o João negro, o *Mulungu*² literário de Laranjeiras, vive nas crianças negras da cidade que interagem com sua estátua, que escrevem e recitam seus poemas, e inspiradas por sua poesia se tornam

também poetas da contemporaneidade. Ele não está aprisionado como “homem-monumento” em uma estátua de pedra, tal qual o gênio da lâmpada de Aladim, ele vive como “alma poética” na estética de cada laranjeirense, vive na topografia do terreiro de memórias negras da cidade. João Sapateiro é um guardião das memórias, um *griot* das ancestralidades vividas e transmitidas como herança, pois

Originado da expressão francesa, o termo *griot*, na cultura africana, significa contador de histórias, função designada ao ancião de uma tribo, conhecido por sua sabedoria e transmissão de conhecimento; figura presente na África tribal que percorre a savana para transmitir, oralmente, ao povo fatos de sua história; é o agente responsável pela manutenção da tradição oral dos povos africanos, cantada, dançada e contada através dos mitos, das lendas, das cantigas, das danças e das canções épicas; é aquele que mantém a continuidade da tradição oral, a fonte de saberes e ensinamentos e que possibilita a integração de homens e mulheres, adultos e crianças no espaço e no tempo e nas tradições; é o poeta, o mestre, o estudioso, o músico, o dançarino, o conselheiro, o preservador da palavra. A palavra que, na cultura africana, é muito importante, pois representa a estrutura falada que consolida a oralidade. O poder da palavra garante a preservação dos ensinamentos desenvolvidos nas práticas essenciais diárias na comunidade (MELO, 2009, p. 149).

Ao trazer a biografia de Beatriz Nascimento, Alex Ratts (2006, p. 68) atenta para a visão da autora sobre a corporeidade negra, pois negras e negros são identificados não apenas por seus deslocamentos da terra mãe África, por suas fugas, lutas e resistência nos quilombos, pelas migrações entre campo de cidade, mas essencialmente pela aparência, a cor da pele, a textura do cabelo e as feições do rosto que produzem uma identidade externa, através do fenótipo, bem como um comportamento social de discriminação em uma nação com passado escravagista.

João Sapateiro traz os sinais distintivos da cor, das feições, do cabelo, uma estética poderosa de beleza e sofrimento que transborda em sua poesia “Agonia” (1965):

- Sou uma partícula da maioria,
E o viver do povo
É grande provação!
- Como a de tantos outros,
A minha aurora
Foi noite mascarada.
E nesta hora, aniquilado, vejo
Outros sofrendo o que padeci
E eu padecendo
O que meu pai sofreu

(João Sapateiro. *Apud.* GUIMARÃES; FRANCO, 2009, p. 43)

Se a negritude lhe pesa os ombros muitas vezes, pelos infortúnios do preconceito e da luta constante para sobreviver, no poema “Rebelião” (1986), dedicado à Nelson Mandela, expressa a crueldade do racismo arrogante, do *apartheid* intolerante que emudece, do luto que a luta gera invariavelmente, daqueles que morrem e tornam-se bandeiras hasteadas, uma chama acesa na esperança de vitória e de um novo sol a brilhar (João Sapateiro *apud* GUIMARÃES; FRANCO, 2009, p. 100). Pois, como disse Conceição Evaristo (2021): “a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”.

João escreveu ainda em “Cântico” (1950), sua ode à Laranjeiras, sobre a Marujada (Chegança), a Pedra Furada (gruta que atrai espeleólogos em Laranjeiras), a policromia da coreografia da Taieira de Bilina, o candomblé que admirava, a zabumba do José, os penitentes dos quais gostava, a dança de São Gonçalo que encanta e faz bem, as procissões e velórios pelas ruas da cidade, o samba de tropelo, coco, forró e martelo, o Bacamarte e batalhão (folgedos sergipanos), as rodas de São João, a vista deslumbrante do morro de Bom Jesus, os tamarindeiros e os coqueiros que amava, os Caboclinhos e os negros do Rei Raminho, lamentando o cativo, os velhos sobrados dos tempos passados, terra do outro João, o Ribeiro (João Sapateiro. *Apud*. GUIMARÃES; FRANCO, 2009, p. 123-26).

Como ressaltou Marilene Carlos do Vale Melo (2009, p. 154) o contar e ouvir histórias permite a socialização entre os indivíduos, o compartilhamento de suas experiências. Há, portanto, poder em usar a palavra, em contar histórias, em realizar a tarefa do *griot*. Ouvir a voz do outro também é importante, para aprender e repassar saberes, reconstruindo novas histórias, recriando outros enredos; onde os negros são os portadores das vozes guardadas no passado mais recente, do momento de aculturação da história do povo africano, mas sem se deixar perder, abater ou vencer.

Conforme a afirmação de Lissandra Vieira Soares e Paula Sandrine Machado (2017, p. 205): “ratificar a existência de autoras/es negras/os assume uma função compositiva na produção de subjetividade ao recuperar o protagonismo de narrativas próprias, o que concorre para o crescimento e desenvolvimento social e emocional da população negra”.

Desse modo, o protagonismo de João Sapateiro não se verga as “encenações de imortalidade histórica/museológica”, pois a “eternidade” não se corporifica na

estatuária com uma fixidez de sentidos. Rememorando as tradições religiosas das nações africanas do candomblé que Laranjeiras abriga,

o morrer é passar para outra dimensão e permanecer junto com os outros espíritos, orixás e guias. Trabalha com a força da natureza existente entre o mundo material (*Aiyé*) e o céu (*Órun*). No candomblé, a morte não significa a extinção total, ou aniquilamento. Morrer é uma mudança de estado, de plano de existência; fazendo parte do ciclo, ao mesmo tempo religioso e vital, que possui início, meio e fim (Bandeira, 2010. *Apud.* JACOBUCCI, 2016).

São as palavras de João Sapateiro, fluidas e intensas, que dão sentido à uma memória que se reelabora conforme a vontade da identidade negra que a congrega e não da branquitude que a lê sem perceber as nuances, matizes e multiformas que subvertem as simetrias do passado. João Sapateiro em sua obra descreve a topografia negra de Laranjeiras através de um termo/processo que Evaristo Conceição denominou de “escrevivência”, ou seja, “um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra” (SANTANA, ZAPPAROLI, 2020).

Considerações finais

A topografia negra em Laranjeiras está para além das margens da cartografia, assim como as memórias *griots* da escrevivência de João Sapateiro estão para além da ideia de “petrificação em sua estátua”. Não é possível, portanto, entender o poeta, sem entender a cidade através dos percursos de ocupação e presença negra, assim como a cidade é tributária de sua poética ora lírica, ora crítica-social.

As tradições ancestrais da escravização na cultura da cana-de-açúcar e das tentativas de um “sincretismo católico branco” em Laranjeiras são reelaboradas pelo viés quilombola antropofágico que deita abaixo a pintura de “Atenas sergipana” para hastear sua bandeira de “terreiro de memórias negras”.

O patrimônio cultural nessa geografia emana de uma afrocultura que assumiu para si a condução de suas narrativas históricas e antropológicas. Fato também observado nos “acessos” ao *xirê* (do *iorubá* roda ou dança para evocação dos Orixás de cada nação) concedidos ou negados aos pesquisadores, imprensa e/ou gestores, cientes muito bem os “usos e abusos” que muitos lhes querem impelir.

Quem não se sentou à mesa do Mestre Zé Rolinha para comer uma moqueca de arraia, um bobó de camarão, tendo por aperitivo uma Bimba de *Quatí* (aguardente de ervas e casca de árvores nativas) nos encontros culturais de janeiro ou adentrou a cozinha para ajudar a servir a feijoada do Lambe-Sujo e Caboclinhos, em outubro, não reconhece os itinerários da identidade negra laranjeirense. Por isso os estudos são transdisciplinares, perfazendo uma Antropologia Histórica que requer confiança e convivência, jamais erudição etnocêntrica sem sustentação.

NOTAS

1. Foi um programa estratégico do Ministério da Cultura. Seu conceito é inovador e procura conjugar recuperação e preservação do patrimônio histórico com desenvolvimento econômico e social. Ele atua em cidades históricas protegidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Cf. DIOGO, 2009, p. 129-134.
2. De acordo com Petrônio Domingues (2015, p. 211) “João Mulungu – considerado o mais notável líder quilombola de Sergipe na segunda metade do século XIX – foi revalorizado nos domínios da memória por parte de setores do movimento negro nas décadas de 1980 e 1990 e promovido à condição de primeiro herói negro do estado reconhecido oficialmente”.

REFERÊNCIAS

- A8SE. *Poetas sergipanos são premiados no prêmio João do Sapateiro de Poesia Popular*. 30/9/2015. Disponível em: <https://a8se.com/noticias/sergipe/poetas-sergipanos-sao-premiados-no-premio-joao-do-sapateiro-de-poesia-popular/>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- ABADIA, Lília. *A identidade e o patrimônio negro no Brasil*. Lisboa, 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Cultura) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma História única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALESE. *Vida de João Sapateiro é lembrada no plenário da Alese*. 20 jun. 2018. Disponível em: <https://al.se.leg.br/vida-de-joao-sapateiro-e-lembrada-no-plenario-da-alese/>. Acesso em: 23 mar. 2021.
- AMARAL, Sharyse Piroupo do. *Um pé calçado, outro no chão: liberdade e escravidão em Sergipe (Cotinguiba, 1860-1900)*. Salvador: EDUFBA; Aracaju: Ed. Diário Oficial, 2012.
- BARROS, Edmilson Celestino de. *Raízes do Candomblé e as relações de poder e parentesco no Centro de Culto Afro-Brasileiro Filhos de Obá – Laranjeiras/SE*. São Cristóvão, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Sergipe.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFUGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 15-24, 2016.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: S. Carneiro; Pólen, 2019.

BONJARDIM, Solimar G. Messias; VARGAS, Maria Augusta Mundim. O visível e o invisível: a paisagem arqueológica da morte em São Cristóvão e Laranjeiras – SE. *Revista Ateliê Geográfico*, Goiânia-GO, v. 4, n. 2, p. 190-214, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BURGUIÈRE, André. Antropologia histórica. In: BURGUIÈRE, André. *Dicionário Akal de ciências históricas*. Madrid: Akal, 1991.

CONCEIÇÃO EVARISTO. Escrevivências. *Ocupação Itaú Cultural*. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/#share>. Acesso em: 22 mar. 2021.

DANTAS, Beatriz Góis. *A Taieira de Sergipe: uma dança folclórica*. São Cristóvão: EDUFS, 2013.

DANTAS, Beatriz Góis. *Laranjeiras: entre o passado e o presente*. São Cristóvão: FAPES; CESAD-UFS, 2007.

DANTAS, Beatriz Góis. *Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

DIOGO, Érica (Org.) *Recuperação de imóveis privados em centros históricos*. Brasília, DF: Iphan; Programa Monumenta, 2009.

DOMINGUES, Petrônio. João Mulungu: a invenção de um herói Afro-Brasileiro. *História: Questões & Debates*, Curitiba, volume 63, n. 2, jul./dez. 2015, p. 211-255.

EXPRESSÃO SERGIPANA. *Biblioteca Municipal Clodomir Silva homenageia o poeta sergipano João Sapateiro*. 20 jul. 2018. Disponível em: <https://expressaosergipana.com.br/biblioteca-municipal-clodomir-silva-homenageia-o-poeta-sergipano-joao-sapateiro/>. Acesso em: 23 mar. 2021.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade negra entre exclusão e liberdade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 63, p. 103-120, 2016.

IBGE. Estudos sociodemográficos e análises espaciais referentes aos municípios com a existência de comunidades remanescentes de quilombos. *Relatório Técnico Preliminar*. Rio de Janeiro, 2007.

IBGE. Laranjeiras. *Cidades e estados*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/se/laranjeiras.html>. Acesso em: 22 mar. 2021.

IPHAN. *Casa de Ti Herculano: lugar Nagô em Laranjeiras*. Aracaju: IPHAN; UFS, 2011.

IPHAN. *Igreja de São Benedito, em Laranjeiras (SE), é entregue à comunidade*. 23 nov. 2017. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4452/igreja-de-sao-benedito-em-laranjeiras-se-e-entregue-a-comunidade>. Acesso em: 22 mar. 2021.

IPHAN. *Ipahan apoia oficina escola em Laranjeiras (SE)*. 8 ago. 2008. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/2092>. Acesso em: 22 mar. 2021.

G1-GLOBO.COM. *Viver Sergipe* (6'36). 26/12/2014. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3855497/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GUIMARÃES, Danielle Virginie Santos; FRANCO, Joselito de Jesus (org.). *Mensagens*: João Sapateiro. Laranjeiras-SE: Prefeitura Municipal, 2008.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. *Topografia Básica*. Ceará: SEDUC/CE, 2011.

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE. *Especial Aperipê conta a história do poeta sergipano João Sapateiro*. 26 fev. 2009. Disponível em: <https://www.se.gov.br/noticias/governo/especial-aperipe-counta-a-historia-do-poeta-sergipano-joao-sapateiro>. Acesso em: 23 mar. 2021.

JACOBUCCI, Nazaré. *O significado da morte e o processo de luto nas religiões de matrizes africanas*: Candomblê. 7 jun. 2016. Disponível em: <https://perdaseluto.com/2016/06/07/o-significado-da-morte-e-o-processo-de-luto-nas-religoes-de-matrizes-africana-candomble/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LEÃO, Lícia Cotrim Carneiro. *O espaço livre público e a visão cotidiana da paisagem: o caso do centro histórico de Laranjeiras-SE*. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo.

LEITE, Sebastião Uchôa. Presença negra na poesia moderna. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 25, p. 112-113, 1997.

MELO, Marilene Carlos do Vale. A figura do griot e a relação memória e narrativa. In: LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; OLIVEIRA, Andrey (org.). *Griots: culturas africanas*. Natal: Lucgraf, 2009, p. 148-156.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *Revista Afrodiáspora*, ano 3, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

NEST/SES. Análise de situação de saúde da população negra em Sergipe. *Informe Epidemiológico*, Aracaju, ano 2, n. 7, 2016.

OBSERVATÓRIO QUILOMBOLA. *Mussuca recebe certificação de comunidade quilombola*. 11 abr. 2006. Disponível em: <https://kn.org.br/oq/2006/04/11/mussuca-recebe-certificacao-de-comunidade-quilombola/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

PROGRAMA BRASIL LEGAL. *Regina Casé em Laranjeiras (SE)*. 41'58. Maio 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DcxLO6oHGLA>. Acesso em: 20 mar. 2021.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica*: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Kuanza, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Antropologia em outras linguagens. Considerações para uma etnografia hipertextual. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 31, n. 90, p. 71-84, 2016.

SANTANA, Regina Norma de Azevedo. *Mussuca: por uma arqueologia de um território negro em Sergipe D'El Rey*. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. Conceição Evaristo. A escrevivência serve também para as pessoas pensarem. Entrevista. *Itaú Social*, 9 nov. 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SANTOS, José Augusto Menezes dos. *A luta do povo quilombola, Mussuca: organização política e resistência em Sergipe*. São Cristóvão, 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe.

SANTOS, Mesalas Ferreira. Cultura popular, patrimônio imaterial e performance na festa do Lambe-sujo de Laranjeiras/SE. In: LEITE, Rogério Proença; SOUZA, Eder Claudio Malta (org.). *Cidades e patrimônios culturais: investigações para a iniciação à pesquisa*. São Cristóvão: EDUFS, 2013.

SANTOS, Mesalas Ferreira. Formas expressivas de um mestre: a mediação entre margem e centro nos folguedos de Sergipe. REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29. *Anais...* Natal/RN, 2014, p. 1-20.

SENADO FEDERAL. *Projeto de Lei nº 325/1980; Projeto de Lei nº 7935/1986*. Erige em monumento nacional a cidade de Laranjeiras, no estado de Sergipe. Brasília: Câmara Legislativa, 1980-1986.

SILVA, Eder Donizeti da; NOGUEIRA, Adriana Dantas. A cor nas superfícies arquitetônicas patrimoniais: O caso da Igreja de N. Sra. da Conceição dos Pardos de Laranjeiras SE/BR. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 11319-11336, 2020.

SILVA, Eder Donizeti da; NOGUEIRA, Adriana Dantas. Lançando um olhar sobre o patrimônio arquitetônico de Laranjeiras. In: NUNES, Verônica Maria Menezes; DANTAS, Adriana Dantas (org.) *O despertar do conhecimento na colina azulada: a Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras*. São Cristóvão: EDUFS, 2009, p. 37-98.

SILVA, Geová Alves da. SILVA, Geovan João Alves da. Identificando a cultura afro-brasileira e africana: patrimônio imaterial e patrimônio material. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, ano 5, ed. 6, v. 4, p. 64-72, 2020.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

SOUZA, Carla. Cordelista Gilmar Santana lança obra sobre João Sapateiro. *Infonet*. 19 jan. 2008. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cultura/cordelista-gilmar-santana-lanca-obra-sobre-joao-sapateiro/>. Acesso em: 23 mar. 2021.

TORRES, Dijna Andrade. Da África para Laranjeiras: tradição e pureza no terreiro Nagô. REA, 5.; ABANNE, 14. *Anais...* Maceió: UFAL, 2016.

Janaina Cardoso de Mello é Professora do Curso de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pós-Doutora em Estudos Culturais e Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Especialista em História Contemporânea pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bacharela e Licenciada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Como citar:

MELLO, Janaina Cardoso de. Memórias Negras Não-Petrificadas em Laranjeiras (SE): topografia viva de grupos culturais, de terreiros e da poesia de João Sapateiro. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 17, n. 1, p. 196-222, jan./jun. 2021. Disponível em: pem.assis.unesp.br.